

DANÇA

Revelações como o bailarino mineiro Marcelo Gabriel e a paulista Andrea Thomioka e novos grupos como o Quasar, de Goiânia, prometem manter a dança brasileira em evidência em 97

ANA FRANCISCA PONZIO
especial para a Folha

Depois de conquistar espaços nos palcos do Brasil e do mundo em 1996, a dança brasileira promete manter-se em evidência também em 1997.

Na esteira do Grupo Corpo e do Balé Folclórico da Bahia, campeões de bilheteria em teatros europeus, outros talentos devem atravessar fronteiras.

É o caso de Antonio Nóbrega, que depois de se consagrar na Bial de Lyon, realizada em setembro na França, passa a exportar sua linguagem multidisciplinar, que vem dando contornos cada vez mais definidos à dança.

Entre as revelações do ano, a bailarina Andrea Thomioka, 20, é a grande promessa. Em julho passado, esta filha de um nissei e de uma libanesa, nascida em Santo André, venceu o Concurso Internacional de Varna, na Bulgária, a mais exigente e prestigiada competição de dança do mundo, trampolim de nomes como Mikhail Baryshnikov.

Com este prêmio, Thomioka está pronta para ingressar em grandes companhias clássicas. Só que, a exemplo de Márcia Haydée, a probabilidade é que isto ocorra fora do Brasil, em razão da escassez deste tipo de grupo no país.

Disposta a escolher o melhor, Thomioka acaba de recusar convite, para integrar o elenco de uma companhia de Wiesbaden, na Alemanha.

Em estilo radicalmente oposto, o coreógrafo Marcelo Gabriel, fundador do grupo Dança Burra, de Belo Horizonte, é outro jovem talento que promete marcar presença em 1997. No ano que termina, Gabriel provou seu vigor cênico com o espetáculo "O Nervo da Flor de Aço". Coreograficamente, mostrou que pode desenvolver uma linguagem inovadora, a partir da desconstrução de padrões formais da dança.



A bailarina Andrea Thomioka, promessa para a dança brasileira em 97

Diversidade

Em 1996, a dança brasileira ainda provou que está entrando em fase de revitalização. Sua diversidade teve como ponto de encontro a 7ª Bial de Dança de Lyon, que elegeu o Brasil como tema.

Reunindo 500 artistas brasileiros em 106 espetáculos realizados durante 18 dias, a Bial de Lyon proporcionou à dança brasileira uma difusão até então inédita.

Para completar, eventos e mostras se multiplicaram no Brasil, impulsionando a produção, que hoje se espalha por cidades como Goiânia (onde surgiu o excelente Grupo Quasar), Florianópolis (se- de do Cena 11) e Salvador, que revelou o Ballet Rural.

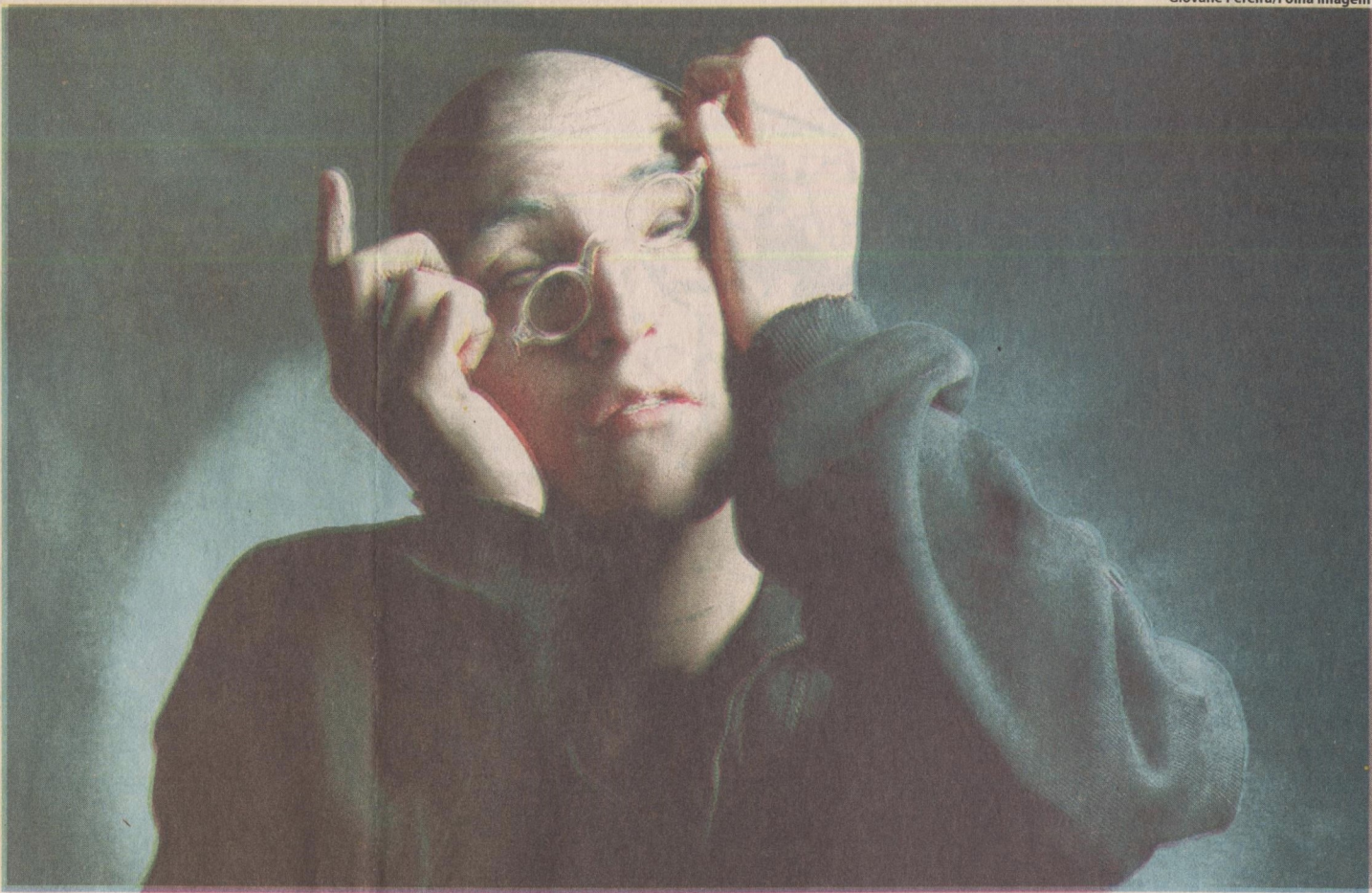
Com o ritmo adquirido em 1996, o próximo ano pode proporcionar reconhecimento definitivo para nomes como Márcia Milhazes. Coreógrafa do Rio de Janeiro, Milhazes brilhou na Bial de Lyon, com elogios unânimes da crítica.

Como ela, uma leva de coreógrafos independentes que atuavam em circuitos alternativos começa a ganhar maior projeção. Prova desta tendência é o espetáculo que o Ballet do Teatro Municipal do Rio de Janeiro programa para abril.

Até então uma companhia predominantemente clássica, o Ballet do Teatro Municipal do Rio convidou nomes como Lia Rodrigues, Deborah Colker e Regina Miranda para assinar um programa que ainda contará com uma remontagem de "Prelúdios", coreografia que projetou Rodrigo Pederneiras, do Grupo Corpo, 11 anos atrás.

Em São Paulo, o Balé da Cidade se fortalece com um dos melhores elencos do país e o grupo Cisne Negro promete recuperar fôlego, anunciando boas novidades para seu repertório.

Em torno destas companhias veteranas, grupos como o Terceira Dança se organizam para manter viva em 1997 a multiplicidade de propostas que a dança brasileira lançou em 1996.



Giovane Pereira/Folha Imagem

O coreógrafo e bailarino mineiro Marcelo Gabriel, fundador do grupo Dança Burra, de Belo Horizonte, um dos destaques da nova cena brasileira de dança

Dança

Destaques de 96

■ Andrea Thomioka

aos 20 anos, a bailarina brasileira conquistou medalha de ouro no Concurso Internacional de Varna, Bulgária

■ Bial de Lyon

pela primeira vez um evento internacional de grande porte elegeu a dança brasileira como tema, dando-lhe destaque inédito

■ Yulia Makhalina

a jovem estrela do Kirov provou que a perfeição do balé clássico continua viva neste fim de milênio

Nederlands Dans Theatre 3 uma das melhores atrações do ano, seu elenco de cinquenta e seis bailarinos

protegeu a dança brasileira em 1996, o grupo de dança holandês trouxe para o Brasil uma coreografia de grande porte

■ Balé Folclórico da Bahia com ex-meninos de rua na composição do elenco, o grupo tornou-se fenômeno de bilheteria na Europa

■ Quasar Cia. de Dança dançando coreografias de Henrique Rodovalho, o grupo de Goiânia esbanjou vitalidade

Promessas para 97

■ Marcelo Gabriel

o fundador do grupo Dança Burra pode representar uma renovação coreográfica, com sua propostas demolidoras

■ Joaquim Cortez

nova sensação do flamenco, o bailarino espanhol que também está se tornando símbolo sexual, promete tirar o fôlego das platéias brasileiras em novembro

■ Willian Forsythe

o coreógrafo norte-americano trará ao Brasil uma dança complexa, dirigida ao intelecto com seu grupo, o Ballet de Frankfurt

■ Carlton Dance Festival deve entrar em alta novamente, depois das programações apagadas dos últimos anos

■ Dança brasileira deve continuar chamando atenção e revelando novos talentos, se a generosidade dos patrocinadores deixar

■ Regina Advento ex-bailarina do Grupo Corpo, volta ao Brasil como estrela do grupo alemão dirigido por Pina Bausch

■ Marcia Milhazes depois de conquistar elogios unânimes da crítica européia no ano passado, a coreógrafa carioca deve continuar revelando novas faces da linguagem barroca

■ Milton Kennedy e Rui Moreira o primeiro do Balé da Cidade de São Paulo, o segundo do Grupo Corpo de Belo Horizonte, os dois bailarinos negros podem provar que homens também podem ser estrelas na dança brasileira

■ Antonio Nóbrega conquistando projeção internacional, começa a exportar uma dança genuinamente brasileira

Ano marcou carreira de Milton Kennedy

Gustavo Lourenço/Folha Imagem

especial para a Folha

O bailarino Milton Kennedy, do Balé da Cidade de São Paulo, está entre os que se destacaram em 1996 e prometem se manter em evidência no ano que se inicia.

Para Kennedy, 30, que dança no Balé da Cidade há oito anos, o ano que passou marcou sua carreira principalmente em razão das ovações recebidas do público europeu em setembro, na França, durante a Bial de Dança de Lyon.

Na ocasião, o Balé da Cidade também comemorava sua primeira temporada fora do Brasil. Nos três espetáculos realizados em Lyon, Kennedy conquistou platéias com sua técnica e energia.

"Eu tinha 18 anos, ainda servia o Exército, quando comecei a estudar dança clássica", ele conta. "Sou perfeccionista, me dedicava bastante e logo contei com o incentivo dos professores."

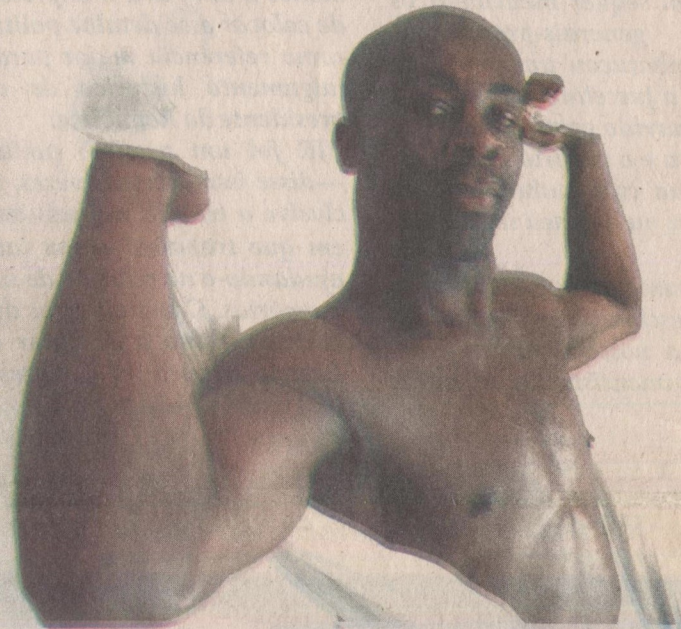
Segundo Kennedy, sua decisão em ingressar numa escola de dança surgiu quando ainda era técnico em refrigeração. "Conservava geladeiras, e sempre que voltava de ônibus para casa olhava para as placas das academias de jazz e pensava que a dança poderia diminuir minha timidez."

Ao contrário da época de adolescência, quando se sentia acanhado até para dançar em discotecas, Kennedy se sente plenamente à vontade no palco. "O fato de não ver o público ajuda", comenta.

Ex-aluno da professora Toshie Kobayashi, que preparou a bailarina Andrea Thomioka para o Concurso Internacional de Varna, Kennedy também acaba de conquistar uma indicação para o Prêmio Mambembe de 1996.

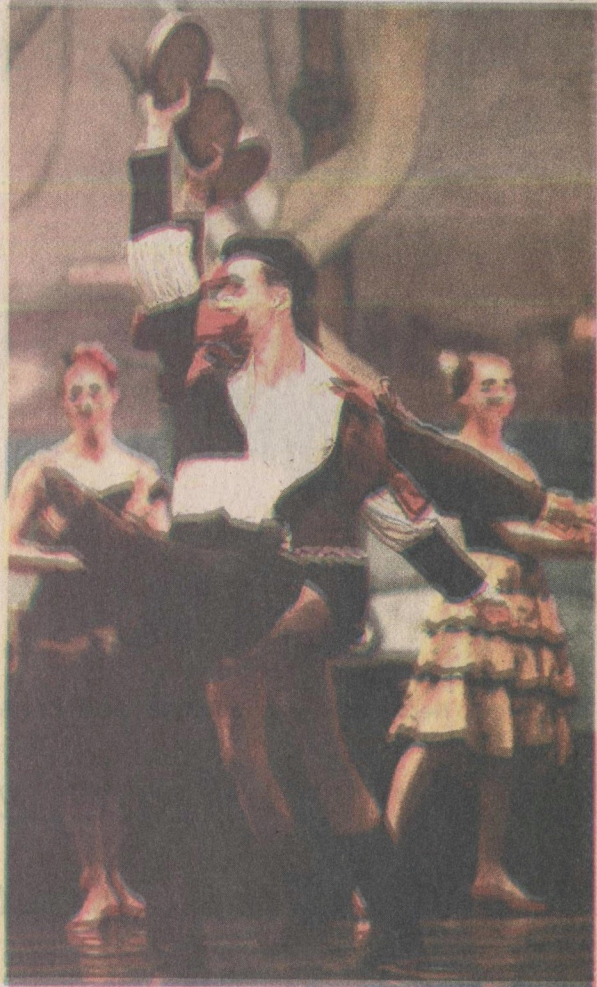
No Balé da Cidade de São Paulo, vem ganhando solos nas principais peças do repertório. Um de seus preferidos é "Adagietto", coreografia para um casal, feita pelo argentino Oscar Araiz, sobre a "Sinfonia nº 5", de Mahler.

"Me identifico com a serenidade desta obra, a cujas exigências me adapto facilmente", afirma. (AFP)



Fabiano Accorsi/Folha Imagem

O bailarino Milton Kennedy (acima), do Balé da Cidade de São Paulo, e o Ballet Kirov (ao lado), um dos destaques da programação na cidade no ano passado



Carlton Dance traz Pina Bausch em agosto

especial para a Folha

Ao mesmo tempo que a dança brasileira deixa de ter papel secundário na programação de espetáculos, as atrações internacionais continuarão marcando intensamente o calendário de 1997.

Prova maior é o Carlton Dance Festival, que volta a investir pesado, trazendo Pina Bausch e seu grupo em agosto. No entanto, a grande atração que o Carlton deve confirmar é o Ballet de Frankfurt.

Dirigido pelo coreógrafo norte-americano Willian Forsythe, a companhia de Frankfurt é uma das mais sofisticadas da atualidade.

Além de Bausch e Forsythe, outra personalidade fundamental da dança contemporânea visitará o Brasil em 1997: Jiri Kylian, diretor

do Nederlands Dans Theatre, da Holanda, que se apresentará pela primeira vez no país em junho.

Só estes três nomes já fariam de 1997 um grande ano para a dança. Mas há ainda estrelas como Bill T. Jones e Saburo Teshigawara, da geração pós-butô do Japão. Também está prometida a vinda para o próximo ano de Joaquin Cortez, novo sex-symbol da dança espanhola, que realiza uma fusão entre flamenco, jazz, salsa e rock.

O New York City Ballet, a companhia fundada por George Balanchine na década de 40, também estará no Brasil em 1997. No final de setembro, inicia turnê em Belo Horizonte. Em outubro estréia em São Paulo, prometendo capitalizar atenções.

Boris Eifman, com seu St. Peters-

burg Ballet Theatre, representará a vertente moderna da dança russa, em apresentações em junho, em Curitiba e São Paulo.

O Ballet de Nancy, dirigido por Pierre Lacotte, vem em abril. Em maio, há o Pilobolus Dance Theatre, dos Estados Unidos, que também manda Daniel Ezralow, com apresentações marcadas para dezembro.

Há ainda Maurice Béjart, que completou ontem 70 anos e deve realizar uma retrospectiva de sua obra na turnê brasileira que começa em abril.

Seu primeiro compromisso do ano é no próximo dia 17, em Paris, quando apresenta com seu Béjart Ballet Lausanne a coreografia "Missa para o Tempo Presente", com música de Pierre Henry. (AFP)